



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

A FRENTE POPULAR EM MARCHA POR UM PROGRAMA DE LUTA CONTRA O FASCISMO!

Segundo as informações dos elementos responsáveis da Frente Popular, será brevemente publicado o seu programa concreto de luta contra o fascismo, consignando-se nelle as reivindicações fundamentais e imediatas do povo português.

A questão do derrubamento da Ditadura salazarista figura no centro do programa e constitui a condição necessária para a instauração de um Governo Revolucionário Provisório, que realizará um programa mínimo estabelecido, consultando-se, ao mesmo tempo, o povo português para a eleição de um parlamento verdadeiramente democrático.

A questão de se elaborar um programa de luta está inteiramente ligado ao resurgimento da democracia, e do seu alargamento num sentido popular.

Importa, pois, que o programa a fixar corresponda inteiramente aos interesses e aos desejos dos distintos sectores da população laboriosa.

O Partido Comunista já formulou os seus pontos de vista sobre a questão do programa e o projecto apresentado encara de frente as medidas urgentes a tomar, como sejam: — o restabelecimento das liberdades democráticas, subsídio aos desempregados, amnistia aos presos e deportados políticos, barateamento das rendas de casas e do custo da vida em geral, horário de trabalho de 8 horas na cidade e no campo, nacionalização da grande Moagem, restabelecimento da liberdade da cultura dos trigos e vinhos, assim como a liberdade de comércio dos mesmos produtos, extinção dos stocks existentes, resolução do problema imediato da terra no sentido dos interesses das massas camponesas, realização de uma politica externa pacifista e não sujeita a imperialismos, estreitamento de relações com a Espanha e o Brasil, estabelecimento de relações com a URSS e, por último, a aplicação de medidas administrativas que purifiquem, num sentido anti-fascista, os quadros dirigentes do Exército, da Marinha e do funcionalismo, a fim como o julga o povo de responsáveis dos males ditatoriais. Estas são, em resumo, as questões fundamentais apresentadas no nosso projecto de programa. Sobre ele incidirá a discussão dos vários organismos que compõem a Frente Popular.

Mais, indubitavelmente do trabalho de elaboração do programa, importa — como já aqui sabemos — que a Frente Popular inicie um largo trabalho de mobilização das

massas populares, através da criação do maior número de Comités de Enlace. Milhares de anti-fascistas de várias tendências aguardam, impacientes, que a Frente Popular os organize, indicando-lhes o respectivo posto na luta. Muitos outros milhares de portugueses necessitam ser esclarecidos sobre os propósitos da Frente Popular. E isto não se consegue sem uma acção bem coordenada e activa.

A situação interna, de opressão e expoliação, agrava-se diariamente,

tornando mais pesado o já duro fardo que o Povo suporta há dez anos. Os dirigentes do Estado Novo ante a vitória da Frente Popular em Espanha e em França, assim como a presença de um maior descontentamento das camadas laboriosas portuguesas, refletem o terror, desencadiam uma nova vaga de demagogia e de provocações e preparam-se activamente para levar a efeito uma «guerra santa» contra a Espanha livre. Estes factos aumentam as nossas responsabilidades e a

dos restantes organismos que compõem a Frente Popular. E cada dia que passa de inactividade ou de frouxa actividade, representa mais um «trunfo» entregue ao inimigo.

Fixemos, pois, um programa de luta e realizemos sem perda de tempo, um vasto trabalho de esclarecimento que oriente a opinião pública e a coloque na via da Frente Popular — sem menosprezar o necessário trabalho orgânico, que constitui a espinha dorsal de todo o movimento.

Por uma C.G.T. única!

Por um reforço da actividade Sindical!

Vencer obstáculos, em linguagem revolucionária, não significa passar por cima deles, mas, pelo contrário, desfazê-los.

Um dos grandes obstáculos — e, ao mesmo tempo, debilidade do nosso Partido — tem sido a pouca actividade dos comunistas no movimento sindical. Seguindo a linha da menor resistência, do trabalho simplificado, grande parte dos nossos camaradas limitam-se a falar dos sindicatos e a adoptarem medidas burocráticas, que distam muito do verdadeiro papel que os comunistas deviam desempenhar neste sector importantíssimo do trabalho revolucionário.

Devemos reconhecer que até a própria imprensa do Partido tem, no melhor dos casos, relegado para um plano secundário a questão sindical. E, no entanto, o VII Congresso chamou a atenção de todos os Partidos e dos comunistas em geral para este momentoso problema. O nosso camarada Dimitroff dedicou uma parte importante do seu informe a critica da debilidade dos P.C. em face da questão sindical.

Já anteriormente, o nosso camarada Staline chamava a atenção dos P.C. para este aspecto das nossas fraquezas, nos «Problemas do Leninismo», e dizia: — «Em que assenta a debilidade dos nossos Partidos-Comunistas? No facto de não se terem ainda penetrado intimamente da importância dos sindicatos e alguns elementos destes Partidos-Comunistas não quererem comprometer-se disso intimamente. Por este motivo a tarefa principal dos Partidos-Comunistas dos países ocidentais consiste, no momento presente, em desenvolver e levar a efeito a campanha pela unidade do movimento sindical, em fazer com que todos os comunistas, sem excepção, entrem nos sindicatos, em desenvolver dentro deles um trabalho paciente e sistemático para conseguir a coesão da classe operária contra o Capital, e em conseguir por essa forma que os Partidos comunistas possam apoiar-se nos sindicatos».

Por seu lado, o camarada Dimitroff, apontando o caminho a seguir, a todos os P.C., exprime-se desta forma: — «O tempo não espera. Para nós, o problema de unidade do movimento sindical, tanto sobre um plano nacional como internacional, é o problema da grande causa da unificação da nossa classe em potentes organizações sindicais únicas contra o inimigo de classe».

Neste momento agita-se, no sector sindical português a questão da unificação do movimento sindical, numa C.G.T. única. Este facto coloca, ainda com mais importância, a necessidade dos comunistas desenvolverem uma actividade redobrada dentro do sindicato. E verdade que alguns escalões do nosso Partido, nomeadamente no Regional do Douro, a questão sindical tem merecido uma grande atenção e aí se estribam os sucessos obtidos no decorrer dos seus trabalhos.

Apresenta-se, pois, como tarefa imediata a necessidade de operar uma viragem na attitude sectária até aqui adoptada por muitos comunistas, no que respeita ao movimento sindical. Urge soldarm-nos com as massas, dentro dos sindicatos, e levar a efeito uma luta tenaz pela mobilização dos trabalhadores, para que estes vejam realizadas as suas reivindicações imediatas. Urge, por outro lado, que esse próprio esforço da actividade sindical dos comunistas vá dirigido no sentido de favorecer, por todos os meios, a unificação do movimento sindical — a realização de uma C.G.T. única do proletariado português.

Notícias de ANGRA

As compenetradas dos nossos camaradas deportados, ameaçadas de expulsão da Ilha!

A situação dos anti-fascistas deportados em Angra piora dia a dia e aproxima-se a data do seu extermínio. Os carrascos carcerários, cada vez que lêem a nossa imprensa ou nossos protestos, espumam de raiva e tratam de a exteriorizar praticando maiores tropegas e barbaridades contra os deportados; da Fortaleza de S. João Baptista.

Agora já lhes não bastam as selvagens praticadas contra os presos e procuram, por isso, atingir as próprias famílias dos presos. Assim, segundo as notícias recebidas, estas já foram ameaçadas pelo comandante do Depósito de Presos, um tal Sr. Manuel Martins dos Reis, de serem expulsas da Ilha. Isto devido a as visitas terem sido reduzidas a duas horas por semana e de as famílias serem obrigadas a falar em voz alta, na presença de um agente.

Por outro lado, o novo comandante ultra-passa em ferocidade os seus antecessores. Os desumanos castigos na «Poterna», que a princípio não passavam de 24 horas, já chegam agora a atingir 4 dias!

Ao mesmo tempo, o tal Sr. Martins — que conta com preços a auxiliares no genero do tenente Toleado, sargento Silva, etc. — enveredou pelo caminho da «compressão» de despesas, possivelmente para ver aumentados os seus proventos pessoais... A custa dos presos! As refeições foram diminuídas; o pão foi reduzido em 90 gramas por ração; a luz também sofreu um corte; a lavagem da roupa de cama passa a ser por conta dos presos; e já se anuncia a mesma coisa para a rou-

(Continua na 6.ª página)

INFORMAÇÕES DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Contra as leis celeradas do fascismo
Nem uma cepa arrancada!
Além os pequenos proprietários

S. Pedro da Torre foi teatro, há pouco tempo de uma explosão de resposta dos pequenos proprietários contra as leis celeradas do fascismo, que pretendem impor o arranque das vinhas. Quando a brigada enviada pelo Governo para cortar as videiras procedia a essa operação, os sinos tocaram a rebato, pondo em alvoroço seis freguesias limítrofes, num total de 5.000 TRABALHADORES, de todas as idades — homens, mulheres e jovens — armados de foices, enxadões, etc. que escorreamos os enviados do sinistro Salazar. Os gritos de «Viva a Espanha!» e outros, saíram do peito de milhares de trabalhadores. A Guarda Republicana do Paredes

Cura compareceu, mas viu-se obrigada a fugir. Do Porto seguiram dois comboios da Guarda Republicana, reforçada pela guarnição do Arco de Val de Vez, MAS O POVO RESISTIU, TENDO CONSEGUIDO QUE AS VIDEIRAS NÃO SEJAM CORTADAS DURANTE DOIS ANOS. O comandante da força de Arco de Vez, que o sargento, FOI CASQUADO POR NÃO TER MANDADO FAZER FOGO SOBRE A POPULAÇÃO.

Os pequenos proprietários do Norte estão, pois, na disposição de fazer encolher as garras dos abutres salazaristas, e INDICA O CAMINHO DA VITÓRIA a toda a população do país — lutar, lutar sempre e com decisão até esmagar as patas anti-trabalho de Salazar.

UMA VIGILÂNCIA CONSTANTE e uma luta diária pela salvação das reivindicações da população laborista não a garantia de que o fascismo será esmagado. A FRENTE POPULAR será a instrumento da vitória, porque dará coesão à revolta do Povo português e enfileirá as suas reivindicações mais urgentes.

Avante, Povo do Arco de Val de Vez! Forja o vosso COMITÉ DE LUTA à Frente Popular!

Na Fábrica de Chocolates Regina

ISBOA — Paiva Simões, gerente e inquisidor-mór da «Fábrica de Chocolates Regina», porque um camarada nosso se recusou a carregar com a sua saca de serradura e lhe fez ver que isso estava fora das suas atribuições, imediatamente o convidou a apresentar a sua demissão.

A pretexto de qualquer coisa, o Paiva Simões constantemente despede operários.

Camaradas, organizem-se um Comité de Luta que dirija o nosso movimento pela conquista das nossas reivindicações!

Lutemos com raos despedidos!

Contra as leis celeradas do fascismo, manifestações dos ministros.

No fim da festa, os operários travaram-se revolta logo com a revolta forçada de que tinham sido vítimas.

Deste modo os festejos do 1.º de Maio tiveram um resultado negativo para o fascismo salazarista, visto que viram os seus aliados, os trabalhadores, que tiveram que aguentar com as despesas da festa do «Estado-Novo».

Na GUARDA Os Proprietários de padarias AUMENTAM o horário de trabalho!

GUARDA — Nesta cidade, a crise do trabalho é opor em todos os campos de actividade. Os manipuladores de pão são aqui explorados até ao último grau.

Os proprietários de padarias, para não admitirem pessoal desempregado, retem um-e com as autoridades locais para alterarem o horário de trabalho para 9 horas, visto que as 8 horas eram insuficientes para a execução dos trabalhos da sua indústria, o que conseguiram, prometendo pagar aos operários essa hora extraordinária, a dobrar, com a ajuda do decreto. Os operários foram chamados ao Governo Civil, para terem conhecimento da decisão patronal.

Logo, na primeira semana se viu o resultado: os operários trabalharam mais 8 horas por semana e recebendo o mesmo ordenado que quando trabalhavam só 8 horas.

Os operários protestaram contra este roubo, junto do patronato, que começou para a polícia, sendo os manipuladores de pão ameaçados por essa força governativa e acusados de comunistas. Estes camaradas, recordando a prisão, absteram-se de se manifestar o que deu a jornada de trabalho, que passou de 9 para 14 e 16 horas, recebendo os manipuladores, em troca, o salário de 8 horas só.

O salário são os seguintes: Manipulador, res 12.500; auxiliares, 8.500 e 9.500; e ajudantes 5.500 e 6.500. Apesar de muitos destes serem chefes de família.

Além do seu trabalho normal, são todos obrigados a distribuir o pão pelos fregueses.

Pergunta-se: então os fiscais do horário do trabalho não tomam providências? Porquê, camaradas?

Porque as gratificações que lhes são dadas pelos patrões são maiores que as percentagens das multas.

Camaradas padeiros, só existe um caminho a seguir: organizar-vos, pondo de parte todas as tendências políticas, na Frente Popular anti-fascista, porque só derubando o nosso inimigo comum — o fascismo — conseguiremos por cobro a essa exploração medonha que, a continuar por muito tempo, vos levará ao cemitério.

Avante, pois, contra a exploração salazarista!

Como eles recebem os desempregados?

CASCAIS — Há tempo se diz que o posto policial desta vila é um operário português, vindo de França há mais de um ano. Era sua intenção para trabalhar, para ganhar alguma coisa com que malgastar a fome de sua mãe, mulher e filhos, visto que ele tinha constatado que havia serviços a fazer nuns poços

Em ALMADA Os desempregados reclamam providências

Já se eleva a alguns milhares o número de desempregados neste concelho. Juntaram-se a estes mais uns quatrocentos operários de ambos os sexos, por uma fábrica de cortiça ter fechado.

A crise neste concelho é enorme. Os que não estão desempregados trabalham 3 e 4 dias por semana. Poucas as indústrias que neste concelho trabalham 6 dias por semana.

Depois dos desempregados terem empilhado os últimos lençóis, cobertores, as ferragens das camas e os cabanos das máquinas de costura, depois de não terem mais que empilhar, resolveram uns duzentos desempregados, aproximadamente, instar com o administrador fazendo-lhe ver a miséria que estão passando algumas dezenas de milhares de pessoas atingidas pelo desemprego. Aquela senhor, depois de ouvir a comissão, chegou a janela e, vendo a multidão que se aglomerava à espera de uma resolução, mudou de assunto, pregando a missão se tinham sido os seus componentes quem andou a distribuir e a afixar manifestos e a fazer bandeiras e comunistas. Não, puchá, nem manifesto e começa a ler, dizendo: «querem fazer aqui o que se fez na Rússia, e se está a fazer em Espanha? Só queria ter o gosto de saber quem foram os autores da proeza, para lhes meter uma bala na cabeça». A comissão quis saber uma resolução sob a missão que lhes tinha sido incumbida; respondeu que estava à espera de uma deliberação do sr. Dr. Oliveira Salazar. Disse mais que o povo nunca esteve tão bem como hoje. «Eu sou um dos patrões que pago o melhor salário; NUNCA PAGUEI MENOS DE 6 E 7.500, APESES DE GANHAR POUCO. Esperem mais um tempo porque não pode ser tudo como desejamos».

É assim que o desemprego é resolvido. A esperar do decreto-burocrático dos 2% pagos por aqueles que calam.

Camaradas desempregados! Não deixeis de fazer as vossas reclamações enquanto não forem atendidos!

A.B.C.

Na falta do administrador do concelho, apareceu-lhe o sub-chefe Alfredo Guerra que, ao conhecer os motivos que levam a um pedreiro, lhe disse:

«Voe é a. Válio! Soia daqui para fora!»

É assim que a burguesia e os seus lacaios tratam os trabalhadores que procuram trabalho para viver!

Tórrides Vedras Os escândalos da Federação dos Vinhos

A Federação dos Vinhos determinou que cada taberneiro fizesse uma declaração em papel selado (a Federação) indicando a quantidade de vinho que calcula vender durante o ano.

E' de harmonia com estas propostas dos taberneiros que a Federação lançou o imposto de 200 por litro. Porém, a Federação dos Vinhos, que precisava realizar um recibo de 300.000.000 neste concelho, verificou que, em face das propostas, não apuraria mais do que 800.000. Por isso, a Federação mandou chamar os taberneiros, a quais disse ser necessário aumentarem as quantidades de vinho que figuravam nas propostas (haviu propostas de 150, 200 e 300 litros). Alguns, aumentaram os números apresentados, mas a maior parte não. Perante isto, a Federação ameaçou abrir em cada localidade adegas suas, que venderiam directamente ao público, mais barato que os taberneiros e proibiu assim a sua ruína. Esta ameaça motivou grande hostilidade a Federação, resolvendo os taberneiros de Tórrides não venderem mais um litro de vinho, como sinal de protesto.

Até às seis horas da tarde estiveram fechados, mas depois abriram. Há cerca de quarenta e cinco taberneiros em todo o concelho. Vários deles lecharam as suas casais, preferindo isto a submeterem-se às arbitrariedades da Federação.

Peque nos com recentes vendedores de vinho! Não suportes a miséria que a Federação vos quer impor! Não declareis maiores compras do que a que vos são necessárias! U-vos! U-vos! Não paguéis o imposto de 200 por litro de vinho! Todos um dos vences!

O Partido Comunista apontou o caminho da vitória e luta a vossa lado!

A fa intochada do 1.º de Maio em BARCELONA

BARCELONA — Quem acreditasse nos relatos da imprensa ao serviço da Ditadura, ficaria convencido de que o dia 1.º de Maio marcou o apoio dos trabalhadores de Barcelona ao «Estado-Novo».

Que se passou, porém, na realidade?

Os festejos foram obra dos patrões e a custa de um verdadeiro roubo no já miserável salário dos trabalhadores. Durante certo tempo, todas as semanas os patrões descontaram de 1.500 a 2.500 na festa dos operários.

No dia da festa, os patrões alugaram carruagens para o pessoal das suas fábricas. Os operários tomaram parte na festa, bastante

NO PAÍS DO SOCIALISMO

Um colosso da Indústria Elétrica Soviética

A gravura que hoje publicamos é a de uma das secções — a de indústrias — de um dos colossos da indústria eléctrica de Leninegrado e da União Soviética — a fábrica «ELECTROSILA».

Os dados que possuímos sobre a indústria eléctrica datam de 1931. Extraímos-os da excelente revista soviética «A URSS em Construção». Tratam-se, portanto, de números que datam da época febril e heroica da realização do 1.º Plano Quinquenal. É'poca dos «udarniques» — trabalhadores de choque — pioneiros da primeira fase da industrialização da URSS e precursores do movimento «stakanovista» dos nos-
sos dias.

Passados cinco anos é-nos grato lançar um olhar para o caminho percorrido pelos nossos camaradas da URSS, e relembrar aquelas cifras que já representaram para os operários da fábrica «Electrosila» e para os cidadãos da URSS, um motivo de estímulo para novas realizações e de honra para a grande pátria dos trabalhadores.

A indústria eléctrica tem sido um dos sectores da industrialização onde mais se tem concentrado a atenção e os esforços dos dirigentes da URSS, por ser ela a principal base da actividade industrial e das novas formas — desconhecidas, ou quasi — nos países capitalistas — de exploração agrícola.

Lenine e Stáline dedicaram-lhe especial atenção.

Em 1920, enquanto na Crimeia e na frente polaca se desenrolavam ainda os últimos combates contra os bandos «brancos» e contra os destacamentos intervencionistas, a produção da indústria eléctrica era avaliada em 5,3 milhões de rublos. Dez anos mais tarde já não chegavam os projectados 896 milhões para o último plano quinquenal. 1.011 milhões, eis o programa real no terceiro ano do 1.º plano quinquenal!

Antes de 1927/8 a indústria eléctrica tinha fornecido ao país, durante todo o período da sua existência, geradoras de uma potência total de 1.471.000 kw. Só no ano de 1931 já ela fornecia cerca de 1.500.000. Antes de 1927/8, a potência total dos transformadores instalados era de 9 milhões de kw; em 1931, 4.460.000.

As novas centrais do Dniepropetrovsk, de Avir, do Nava, Voiga, etc., foram todas apetrechadas com máquinas provenientes da indústria soviética.

O indústrio que se vê suspenso, na gravura acima, é para um motor de 21.000 kw. Por aqui se avalia o grau de desenvolvimento e de capacidade da indústria eléctrica soviética.

Na fábrica «Electrosila» trabalham alguns milhares de operários. Possui, com o as restantes fábricas da URSS, um equipamento e moderno clube.

Comprovando os métodos stakanovistas

MOSCÓVIA — Um grupo de franceses, de carácter operário do 1.º grau, está estudando minuciosamente, no curso da sua viagem à URSS, os problemas práticos sobre os métodos stakanovistas na indústria mineira do Dniezr.

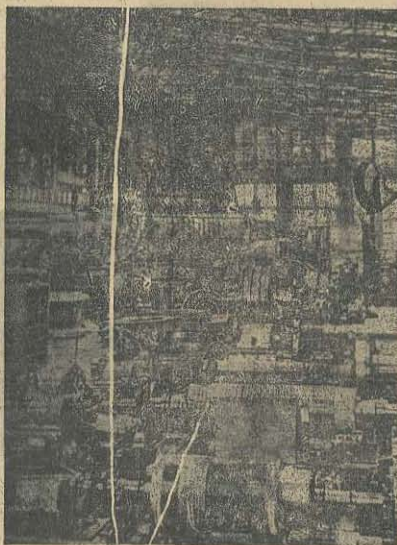
Pediram autorização para trabalhar em uma mina numa mina para empreenderem experimentalmente os métodos stakanovistas e pediram fazer uma ideia dos esforços que estes requerem. Foram autorizados, trabalhando uma jornada no póco Gorlovka, número 1, onde trabalhou durante muito tempo o célebre mineiro stakanovista Isotol.

Numa carta, tornada pública pela imprensa soviética, expuseram as suas impressões, dizendo: «Tendo trabalhado no dia 14 de Maio em Gorlovka, póco n.º 1, demos conta, pela própria experiência, do inundado dos ruídos e caluniosos da imprensa capitalista sobre o movi-

mento stakanovista. Trabalhámos uma jornada com operários soviéticos em condições não habituais para nós, em bulha de dureza diferente, e ultrapassámos a norma de produção, a que estávamos habituados, em duas e quatro vezes sem grar de esforço, coisa absolutamente impossível nos países capitalistas.

Foi para nós agradável surpresa saber quanto tinham ganhado os camaradas soviéticos que realizam a mesma produção que nós; o operário soviético que fez como o nosso camarada Carpentier quatro nor-mas, ganhou noventa rublos e quatrocentos kopeks, em vez de dez rublos e oitenta e três kopeks estabelecidos por norma. Eis um exemplo do sistema soviético de salários. Isto não existe em nenhuma parte do mundo capitalista. Na URSS, ser stakanovista é questão de honra para todo o operário.

a) Carpentier, Dussarà e Plessier.



Orçamento da União Soviética para 1936

Ocupemo-nos dos trabalhos da 2.ª Secção do Comité Executivo Central da URSS, em 16 de Janeiro.

Intervieram uma discussão do orçamento: Ribínine, mecânico de frota do Oceano Pacífico; Gaidukov, membro do Exército Vermelho pertencente a uma formação motorizada do extremo Oriente; Tokarev, mineiro da região de azov — Mar Negro; Veachinine, presidente do Soviet da cidade de Penza; Tchekumbaev, do kolkoze da Kirghizie; e Grinko, Comissário do Povo para as Finanças.

É' típica esta sessão quanto à situação social dos parlamentares soviéticos. Não se encontram eles nem políticos de ofício nem arrivistas ambiciosos. E não vão se procurar a si mesma um homem que não vi-

va senão do produto do seu trabalho, que tenha capital, uma propriedade individual que lhe traga ganho; não há nem banqueiros, nem fabricantes, nem grandes proprietários. Veem-se dirigentes de sovkhos e simples kolkoziannos. Os simples combatentes tomam al lugar lado a lado com os marechais da União Soviética; há dirigentes de repúblicas, de povos inteiros e, ao seu lado, o mineiro Chilianikov, célebre na história de kuznetsk pelos seus records de produtividade no trabalho; comissários do povo das numerosas repúblicas autónomas e pastores de herdades de kolkoziannos; directores de grandes fábricas e aviadores que participaram na salvação dos naufragos do Tchélouskine; homens de elite dos campos e das fábricas. Tal é a massa que constitui o Comité Executivo Central e que aprovou o orçamento único da União Soviética para o ano de 1936.

Transcrevemos hoje dêsse orçamento o que se refere às despesas, no quadro abaixo.

A publicação do orçamento soviético, no que se refere às despesas, tem, neste momento, uma importância excepcional, porquanto, também nesta data, vêm a público as contas do Estado Salazarista. Chamamos, pois, a atenção dos nossos leitores para que comparem umas e outras, este balcão do paralelo entre as quantias e percentagens votadas pelo Estado Novo para a Assistência Social, Instrução, etc., e as correspondentes cifras do orçamento soviético. Resulta, da análise deste, o carácter de classe, operários e camponeses, dos princípios que orientam a economia soviética num sentido socialista.

A. — Economia Nacional

Millhões de Rublos

I. Comissariados das indústrias pesada e ligeira, florestal, alimentar; cinema e fotografia	14.076
II. Comissariado dos sovkhos e da agricultura	7.700
III. Transportes, Comunicações	7.900
IV. Comércio interno e externo, Metro de Moscóv, serviço Hidro-Meteorológico, diversos	7.896
Total para a Economia Nacional	37.572

B. — Medidas Sociais e Culturais

Além do montante total das despesas inscritas nos orçamentos de Estado, locais e dos seguros sociais, incluído ao lado.

I. Instrução pública	12.420	4.918
II. Saúde pública	6.214	1.472
III. Cultura física	76	29
IV. Seguros sociais e protecção no trabalho	2.879	90
Total para medidas sociais e culturais	21.589	6.509

C. Comissariado da defesa da URSS

D. Comissariado do Interior

E. Administração

F. Amortização dos empréstimos do Estado

G. Somas reservadas aos orçamentos locais

14.816

2.110

970

2.701

14.246

COM MORANDO OS DEZ ANOS DE DITADURA...

OS QUE VIVEM EM "CASAS ECONÓMICAS,"

Só em Lisboa, segundo a confissão do próprio «O Século» em artigo de fundo, há já bastante tempo, vivem 100000 trabalhadores nos chamados «bairros da lata».

Em 10 anos de Ditadura, os fascistas salazaristas não têm feito mais do que promossas de casas económicas, visto que se mantém a situação de miséria desses 100.000 trabalhadores.

Esta é uma das realidades bem evidentes da «obra» de Salazar: — muita pobreza e miséria.

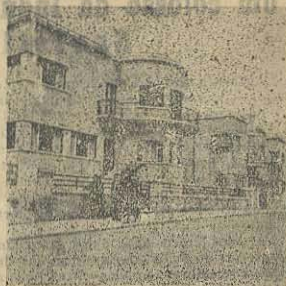
A vida nos «bairros da lata» é de uma miséria extrema. Falta de alimentação, de óbitos, de higiene, etc. Há quem viva há 6, 7 e mais anos nestas condições. A miséria que reina nestes pobres lares operários é angustiada. Para o corre estas inúmeras famílias desamparadas não chegam os dinheiros arrancados pela violência do Povo português.



OS QUE PAGAM EM "CASAS ECONÓMICAS"

A gravura que reproduzimos é de um grupo de vivendas onde habitam aqueles que passam o tempo a enganar o Povo, com a promessa de casas económicas. Eles, entretanto, vão vivendo com todas as comodidades e, não admira, portanto que sejam os mais fiéis defensores do Estado Novo, que tudo lhes proporciona.

Algumas dezenas de famílias, — como os Soto Maior, Pádua, Roque da Fonseca, etc. — disfrutam o bem-estar e a abundância graças ao Estado Novo que as protege e que, para isso, explora 6 milhões de Portugueses só na Metrópole.



A VERDADEIRA FACE DO ESTADO-NOVO



Esta família como um «almôço», a única refeição do dia e que consistia de café e pão seco. Há seis anos que vive numa pequena barraca, feita de caixas de sabão e de latas ferrugentas.

As crianças, nuas e com a pele acinzentada, sofrem de doenças, de tuberculose, de emagrecimento, de miséria, sem mais nada além da fome e da miséria.

Este quadro é um exemplo vivo, igual a muitos milhares que se vêem por esta cidade fora.

O frade tirano e malandro—Salazar—continuará proclamando que a situação do Povo português «nunca foi tão boa e tão próspera».

Fome, miséria e repressão, eis o que têm dado os tiranos fascistas de há 10 anos para cá.

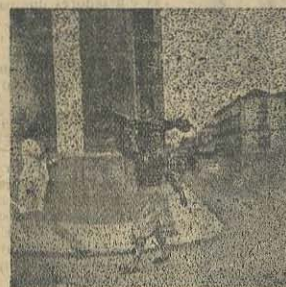
OS VENDEDORES AMBULANTES ÚLTIMOS DO FISCO

As leis e decretos «camarários» do Estado Novo, reduziram a uma maior miséria os vendedores ambulantes: peixeiras, vendedores de frutas e hortaliças, etc., etc.

Brigadas especiais da polícia vagueiam pela cidade na «caça à multa». Milhares de peixeiras e de outros vendedores são alvo da mais desenfreada exploração das autoridades do Estado Novo.

Os grandes tubões da nação, como a Gárgis, Feltre, Moagem, etc., continuam a explorar à farta o Povo português, sem receio dos agentes do fisco.

Para isso existe a ditadura há 10 anos.



A ASSISTÊNCIA INFANTIL: UMA BURGALIA

A assistência infantil, sob todos os seus aspectos — alimentar, higiénico e cultural — não passa de uma bela frase na boca dos tiranos fascistas do Estado Novo.

Centenas de milhares de crianças, por esse país fora, começam bem cedo a experimentar as «delícias» da vida que Salazar lhes oferece. Nem escolas nem lactários, nem alimentação gratuita para as crianças pobres, nem jardins da infância, nem, em resumo, nenhuma espécie de educação pré-escolar. Na idade em que as crianças deveriam andar com a cartilha do ABC, às voltas já ganham uns míseros escudos para auxiliarem o pobre orçamento familiar.

Portugal, país clássico do analfabetismo, em que 60% dos cidadãos não sabem ler nem escrever...



A MAIOR VERGONHA DO POVO!

Cerca de oitocentos presos e deportados políticos vivem em condições que atentam contra os direitos mais elementares do Homem. Angra, Peniche — de cuja fortaleza reproduzimos a foto — Aljube e, em breve, Cabo Verde, são os lugares escolhidos para onde o Estado Novo, atraído com a tirania e a exploração salazaristas, se vêem alvo da mais negra repressão.

Depois de sofrerem as mais vis atrocidades, infligidas pelos esbirros da polícia, são atirados para as casas-matias das fortalezas, onde, a pouco e pouco vêm a vida fugir-lhes.

A perseguição política é uma das maiores vergonhas que atingem o Povo português!



A FRENTE POPULAR VENCERÁ O FASCISMO!



COMO VIVEM AS MASSAS DOS CAMPOS

Aos camponeses ribatejanos

CAMARADAS!

Vós sois, de entre as diversas classes laboriosas, aquela que mais sofre a exploração capitalista.

Vós tendes de trabalhar todo o dia para ganhades 5000 e menos. E com esse salário que vos suste, tais e vestis vossa família e filhos? Não. E ainda com esse salário que podeis ter uma casa com todas as comodidades indispensáveis à vida humana? Também não.

Vós ganhando um salário desses que podeis estar de fome entre as paredes de casa própria para a vida humana.

Camaradas! Este estado de coisas tem de terminar. Junto das Casas do Povo deveis colocar todas as vossas reclamações, para que, dentro de todas as promessas do «Estado-Novo», elas deem plena satisfação no vosso direito à vida.

Deveis, ainda, organizar comissões para que, junto dos regedores, administradores do concelho e governadores civis, exponhais a vossa situação, para que a solucionem dando-vos:

«Securo contra o desemprego», «expensas dos grandes agricultores e do Estado».

Melhoria de salários em todos os trabalhos promovidos pelo Estado, como estradas, etc.

Redução no mínimo do horário do trabalho.

Fortalecimento, pelos patrões, de lotes de olivado para quando, na campanha da azeitona, podédes andar em cima das oliveiras sem vosso mo-lharde.

Abertura de escolas e fortalecimento de livros pelo Estado para os poderes educar vossos filhos.

Só assim é que podeis, na medida em que o «Estado-Novo» realize aquilo que tem prometido, melhorar a vossa situação e sair da vida de miséria em que vos encontráis, da qual, de qualquer modo, deveis sair.

(Um Ribatejano)

A SITUAÇÃO DAS MASSAS CAMPONESES

No Cadaval dois camponeses suicidaram-se por terem fome!

Enquanto o governo salazarista procura fazer acreditar que o país de há muito não conhece uma situação tão próspera como a actual, do norte a sul as massas camponesas morrem de fome e os trabalhadores da cidade sofrem uma exploração nunca conhecida.

As recentes inundações, particularmente no Ribatejo, deixaram na paisagem milhares de dezenas de milhares de trabalhadores misé-ri-veis.

Se até aqui a situação das massas era miserável, dados os sérios riscos de fome, a situação tornou-se ainda mais trágica. A política de austeridade, de trigo e vinho, desde que começaram as inundações os trabalhadores de campo passaram a conhecer a fome mais trivial. Por todo o país se assie a esperança de revoltas como vergonhosas. Na época das inundações, os trabalhadores de Benavente, tendo vergonha de esmoar de dia, refugiam-se em bandos precários, que de noite se desloavam às povoações mais próximas, em busca de alguma coisa de comer. N. Cadaval, dois camponeses, um dos quais tendo mulher e seis filhos, não se foram por não terem de co-mer. Na mesma terra, cerca de 100 trabalhadores reclamaram providências às autoridades. No Bombaral, mais de 1000 camponeses se sublevaram, mostrando disposição de ir buscar alimntação onde houvesse. A burguesia, temen-do logo foram tomadas providências. Um comerciante fez uma subscrição entre os proprietários da terra e, com o dinheiro apurado, comproum géneros, que distribuiu pelos camponeses na noite. Ao mesmo tempo, a Câmara chamou todos os proprietários da terra, aos quais expôs a necessidade de se proteger os camponeses que não trabalhasssem. Parece

que ficou assente todos os comerciantes e proprietários garantirem trabalho a 5 desempregados, pagando-lhes 7500 diários. Para esse efeito, a Câmara abriu uma inscrição de desempregados, mas fe-lo de tal modo que mais de metade dos desempregados não puderam inscrever-se.

Pouco depois, os camponeses estavam dispostos a fazer a jornada de oito horas. No dia 1 de Abril, os camponeses estavam preparados para abandonar o trabalho quando a lavoura foi interrompida durante oito horas. O sinal para largar seria dado por meio de morteiros.

Porém, nesse dia já estava uma camioneta com a polícia que prendeu vinte e sete camponeses e a guisa empregados de comércio, no mesmo tempo, que todos os camponeses foram obrigados a abandonar a terra.

Um dos trabalhadores rurais foi levado para Lisboa, selvaticamente, ligando a ele a corrente de um aparelho por seis agentes.

Neste momento mantem-se a prisão de nove camponeses e de um cortador chamado L.

Essa, uma pequena amostra do quadro trágico de todo o país.

O fascismo salazarista, que tem o apoio e interesse pelo povo pelo engrandecimento da família, nada tem feito em socorro das dezenas de milhares de vítimas. O pequenissimo auxílio que lhes tem sido prestado tem partido de iniciativas particulares, mas o Estado Novo arranja maneira de se dizer o autor de tais auxílios e aproveitar a oportunidade para a sua mais mentirosa propaganda.

Além do caso do Bombaral, há outros. Assim, no princípio de Março, o Gremio dos Importadores e Armazenistas de Mercadorias testinou um certo número de sacas de arroz e bacalhau para distribuir pelas famílias mais pobres. A França, Samora Correia, Benavente, Salvaterra, Múje, Almeirim, Santarém, Azambuja e Carregado.

Em 8 de Março, um representante daquele gremio e um delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência percorreram aquelas terras e em cada casa do povo assistiram a distribuição de UM QUILO DE ARROZ e UM BACALHAU. A CASA DO TRABALHADOR FILIA-DO NAS CASAS DO POVO FASCISTAS. Em todas as Casas do Povo sempre o mesmo sermão: propaganda do «generoso» Estado Novo que presta tão grande auxílio aos trabalhadores; conselho para que todos se filiem nas Casas do Povo, porque dessa modo NUNCA LHEIS FALTARÁ O AUXÍLIO DO ESTADO.

Quanto revoltante o destes miseráveis! Em troca de um pedaço de arroz e bacalhau, procuram conseguir a submissão dos trabalhadores a enorme exploração de que são vi-

A roça no Alentejo

A vida do trabalhador alentejano é verdadeiramente miserável. Faz lembrar a dos pretos na roça.

Estes escravos dos senhores da terra trabalham de sol a sol, muitas vezes debaixo dum sol quentíssimo, regando a terra com o suor do seu corpo. Quando algum reclama, protestando contra a insuficiência do salário, os verdugos imediatamente o despedem.

Falando-se na miséria do povo, os verdugos respondem logo: «Essa cambada vive mal porque é des-governada, bêbada, mandrônica e mais, lá sei quê».

Com estas calúnias procuram explicar a causa dumha miséria de que são eles tão responsáveis.

Esquecem-se estes bandidos de que numa só noite, muitas vezes, gastam o que chegava para sustento de uma família numerosa durante um ano!

Quando os burgueses dizem que a miséria dos trabalhadores é proveniente do álcool, têm um pouco de razão, mas não pelos motivos que eles apresentam.

Este veneno adormece os trabalhadores. A taberna é o centro da podridão e a escola do crime. desvia os trabalhadores do sindicato e faz-lhes esquecer, em parte, a miséria do lar.

Camponeses alentejanos!

Organizai Gremios de camponeses que lutem pelas vossas reivindicações imediatas, como o direito de trabalho, salário mínimo e protecção no desemprego.

finis.

A em de que os generos distribuídos não podiam chegar para mais que dois dias, a do a panólia fascista DEIXA MORRER DE FOME OS TRABALHADORES QUE NÃO ESTIVEREM FILIADOS NAS CASAS DO POVO!

O governo de Salazar manda construir barcos de guerra e exércitos com os quais quer mandar os trabalhadores para a guerra, paga generosamente aos oficiais, a polícia de informação e aos padres, gasta importâncias fabulosas com o Secretariado de Propaganda Nacional e com os artigos publicados nos jornais e estrangeiros para encobrir toda a miséria e a revolta do povo. Pois esse mesmo governo deixa morrer de fome, como animais despresivos, os trabalhadores que produzem toda a alimentação. Que importa à burguesia que morram de fome alguns milhares de indivíduos que ela considera seres inferiores? Para que que cupar-se com isso se há tantos milhares de desempregados que precisam submeter-se a sua infame exploração!

Trabalhadores rurais! —Vós, que produzis toda a alimentação, tendes direito a não morrer de fome.

—Vós, que encheis os celeiros e os cofres dos vossos exploradores, tendes direito a ir buscar o produto do vosso trabalho onde ele estiver, quando tiverdes fome.

Continua na 6.ª página

CARTA DE UM CAMPONESE

Muitas vezes, infelizmente, não temos trabalho e temos de correr várias terras para ganhar um miserável salário que não chega para matar a fome a nós próprios, quanto mais a chefes de família.

Eu tenho vizinhos que têm dez filhos, ganhando 5000 a 6000 e a quem não dão trabalho todo a semana.

Se vamos pedir auxílio, eles dizem-nos que não podem; outros, escondem-se para não nos ouvir.

Em Arenal há o sr. Mário Jardim, um grande burguês, que por vingança, diz aos seus trabalhadores:

«Vocês, do tempo do Alves do Reis, mangavam conosco, faziam-se fidalgo, trabalhavam dos três dias por se angaria não queriam trabalhar mais; e então, agora, mandámo-nos com vocês. Demais, quando

ganhavam 2500, poupasssem para o tempo da crise».

Em Monte Redondo, o sr. Francisco dos Santos Pancadães, era um grande republicano. Hoje está votado, e um grande explorador, traz o povo a comer pelas mãos dele.

Ganhava, quando não o dia trabalhava 5000, e me o. uma e o. vezes com um feijão a galhar na cima da água e ainda é quem os vive. Hábil moço em casa de terra de um só, e parti-nha onde vive há 12 anos, ficando os filhos a não exigirem, obtendo com uma sêma. A situação é simplesmente a que da arara e a carne que comem e os sardinhãs podres.

Em Arenal do Mar, espécie. Vivam os explorados! Abaixo os exploradores!

centr. os latr. cín. os, se v. jar as e
arbitraríe ades que se estio. rati-
e nd. em. v. ngra. contra os seque-
tra os a. asnorri. mais infam. do
E ta o No o! A opinião públi-
precisa de s. r. seprecida e mo-
lizab. E' preci o, pois, d. r. rovas
a mais larga iniciativa e co. ba-
tividade.